

## CONSTRUÇÃO DE UMA COMPREENSÃO

João Wanderley Geraldi<sup>1</sup>

VOESE, Ingo. *O impasse da crítica*. Porto Alegre: Movimento, 1<sup>a</sup>. Edição, 1976.

O desafio a que se propõe o autor é analisar um conto de Guimarães Rosa, *A terceira margem do rio*, considerado por Guilhermino César um dos mais enigmáticos contos roseanos. A seleção deste conto foi relevante para os interesses da análise: o que Ingo Voese vai defender é a impossibilidade de reduzir a criação literária – e da obra artística de modo geral – à linguagem racional. Em outras palavras, o interesse do trabalho é mostrar que qualquer tentativa de interpretação da literatura não passa de um processo de redução da totalidade da obra a um sentido construído a partir da elaboração, pela leitura, de um centro de sustentação desse sentido atribuído pelo leitor com base nesse mesmo centro.

Como este é um livro escrito sob a influência do estruturalismo francês – Barthes e Foucault são frequentemente citados – a discussão se inicia pela elaboração de um problema prefacial: *uma abordagem racional poderá determinar aquilo que foi criado?* A resposta é negativa, mas nem por isso o exercício de construir compreensões das obras literárias deixa de ter seu valor, especialmente porque nele se explicita a incapacidade de reduzir tudo à razão, como se esta fosse *a única maneira de conhecer*. Em consequência desse ponto de partida, a colocação do problema da crítica literária se faz dentro da discussão sobre a metafísica tradicional: *formulada já pelos gregos, define-se e se compreende essencialmente por ser centrada e transcendente, isto é, por colocar a “verdadeira realidade”, o ser, no centro de toda a realidade e fora do nosso mundo. O centro recebeu, historicamente, nomes diversos, como Idéia, Causa Primeira, Deus, Subjetividade, etc., mas sempre funcionou como princípio primeiro da realidade com a função de organizar o restante do real como seu dependente e de conferir-lhe significado, sentido e ordem.*

Paradoxalmente, para recusar a metafísica tradicional e para aproximar-se da obra a ser analisada *desarmado, despido de critérios apriorísticos de verdade, com o pensamento aberto, com teorias com valor de método, não com dogmas com valor de verdade insofismável*, parece que a única saída é entrar neste jogo sabendo que toda a

compreensão construída não passa de uma compreensão e que essa compreensão, para ser construída, demanda a eleição/elaboração de um centro a partir do qual se ordena, organiza e lineariza o que a obra apresentou de outra forma. Quer dizer, a análise começada já não mais trata de seu objeto, mas de outra coisa: os sentidos atribuídos a seu objeto pelo centro eleito como significante estruturador. Usando, com o autor, a própria literatura para dizer isso, trata-se de aceitar que “a única maneira de fugir do território é meter-se nele até os cabelos” (CORTAZAR, *O Jogo da Amarelinha*) ou “só se sai do Sertão entrando nele” (GUIMARÃES ROSA, *Grande sertão: veredas*).

É isto que fará o autor, escolhendo a análise estrutural como método não sem antes apontar para os próprios limites que sofre toda obra artística, que a faz epocal: *a linguagem* que se deixa marcar pelo tempo e situação; *a função do autor*, que não se confunde com a pessoa física do escritor; *a situação* inescapável em que a obra é produzida; e *a escritura*, no sentido de Barthes, de quem o autor cita: “*Língua e estilo são forças cegas; a escritura é um ato de solidariedade histórica. Língua e estilo são objetos; a escritura é uma função; é a relação ente a criação e a sociedade, é a linguagem literária transformada por sua destinação social, é a forma aprendida na sua intenção humana e ligada assim às grandes crises da História.*”

Na análise levada a efeito, o conto roseano teria como seu centro o seguinte enunciado: *a família é uma estrutura que escraviza o homem e é preciso coragem para romper com ela*. Os quinze parágrafos do conto são assim sintetizados:

*I – O pai quieto, regido pela mãe, manda fazer uma canoa.*

*II – Ninguém entende a atitude do pai.*

*III – O pai parte.*

*IV – O fato de o pai permanecer no rio, dentro da canoa, e não voltar, é incompreensível para as outras pessoas.*

*V – As pessoas da margem conjeturando, esperam que a falta de mantimento determine uma alteração na situação.*

*VI – O filho leva comida ao pai.*

*VII – As tentativas de trazer o pai de volta resultam infrutíferas.*

*VIII – A persistência em viver numa situação de aparente insegurança faz com que o pai não seja esquecido.*

*IX – A situação perdura e o filho preocupa-se, cada vez mais, com o pai.*

*X – A angústia explode, a posição do pai é irreversível.*

*XI – Todos se afastam do lugar, só o filho permanece.*

*XII – O desespero leva o filho a tomar uma idéia.*

*XIII – O filho decide substituir o pai.*

*XIV – Quando o pai concorda, o filho foge e desiste.*

*XV – O filho, ao reconhecer sua incapacidade, aniquila-se com auto-acusações. (“Sou o que não foi, o que vai ficar calado.”)*

A partir dessa redução do conto a um conjunto organizado de sentidos, o autor passa a analisar as diferentes superfícies do texto, apresentando posteriormente uma lista muito interessante do trabalho com a linguagem realizado pelo autor do conto, a partir de deslocamentos da palavra de uma classe gramatical a outra; pela flexão do verbo fora da exigência do contexto; pela construção de vocábulos com semantema e morfemas da língua fora ou de pouco uso; pelas complementações do nome e do verbo, explorando posições inusuais.

Por fim, o exercício de análise retoma os pontos de partida, mostrando que qualquer tentativa de abordagem racional do literário será sempre redutor e por isso, talvez, o comentário é apontado por Foucault como uma forma de controle de sentidos. Afinal, *o comentário, ou a crítica literária, não teria a função de conjurar os “perigos” que a literatura poderia representar?*

Este foi o primeiro livro publicado por Ingo Voese. Ele mostra um lingüista que não deixou de se interessar pela literatura e pelos temas filosóficos e que compreendeu o estudo da linguagem de forma mais ampla do que aquela comumente realizada pela Lingüística. É bem verdade que este livro se sustenta num paradoxo – o de que toda a interpretação é uma forma de ordenação a partir de um centro externo – mas que não se recusa a apresentar uma interpretação. Creio que na maturidade intelectual vivida por Ingo Voese nos últimos anos, ele preferiria chamar essa sua interpretação de uma compreensão, entre outras, elaborada a partir das contrapalavras do leitor que entra no jogo da literatura, usando expressões bakhtinianas. Por isso chamei este texto resenha de “construção de uma compreensão”.

## NOTA

<sup>1</sup> Professor Colaborador Voluntário da Universidade Estadual de Campinas, Membro de corpo editorial da Cadernos Camilliani e Membro de corpo editorial do Ideação